



NÃO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONE: 3713/3726/3728

B I S S A U

Terminou a visita presidencial a RDA

As negociações terminaram com êxito

BERLIM (ADN) — Luiz Cabral, Secretário-Geral adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, terminou a sua visita de uma semana na República Democrática Alemã. Luiz Cabral e os demais membros da delegação do Partido e Estado receberam cumprimentos de despedidas, no aeroporto, de Erich Honecker, Secretário-Geral do PSUA e Presidente do Conselho de Estado da RDA, assim como outras personalidades do Partido e Estado.

Durante a visita, ambas as partes assinaram vários acordos que ajudaram a aprofundar as relações em diversas esferas. Trata-se de um acordo sobre assistência jurídica, um acordo consular, um acordo cultural, assim como um plano de trabalho cultural para 1977/78. Foi assinado um acordo básico e comercial e um acordo sobre cooperação científica-técnica.

«As negociações entre a RDA e Guiné-Bissau terminaram com êxito», informa o jornal da RDA «Neues Deutschland», num grande artigo ilustrado com uma foto do acto da assinatura dos documentos, na sede do Conselho de Estado da RDA. Também os outros diários da República Democrática Alemã qualificavam as negociações de positivas.

As actividades da delegação do Partido e Estado da Guiné-Bissau continuam a ser o tema central da Imprensa no país. Informa detalhadamente sobre a conferência de Imprensa que Luiz Cabral deu na sua

residência, situada a norte de Berlim. A Imprensa põe em relevo as boas perspectivas para a futura colaboração dos dois países, assim como as declarações de Luiz Cabral sobre o importante papel das mulheres e da juventude na luta de libertação e as preocupações do Governo de Bissau pela população rural.

COMUNICADO CONJUNTO

«A República Democrática Alemã e a República da Guiné-Bissau declaram o seu apoio resolutivo à luta dos povos do Zimbábue, da Namíbia e da República da África do Sul pela sua libertação e independência nacional». Isso é constatado num comunicado comum publicado na quinta-feira, em Berlim, sobre a visita de uma semana à RDA da delegação do Partido e Estado da Guiné-Bissau, chefiada por Luiz Cabral, Secretário-Geral adjunto do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau.

As duas partes exigem a cessação imediata e incondicional da política do racismo e do «apartheid» na República da África do Sul. O termo imediato da ocupação ilegal da Namíbia, e a entrega sem condições do poder ao povo do Zimbábue.

Os dois países são unânimes em afirmar que «o aprofundamento das relações amigáveis

(Continua na pág. 8)

Posse dos membros do Comité do Partido do Sector Autónomo de Bissau



José Araújo, presidiu ao acto

Efectuou-se ontem, no salão Amílcar Cabral da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné-Bissau, às 19 h, uma sessão solene de tomada de posse dos membros designados para constituírem o Comité do Partido do sector autónomo de Bissau. A posse foi presidida pelo Secretário da Organização do Partido, camarada José Araújo, membro do Comité Executivo da Luta.

Foram convidados os membros da Direcção do Partido, do Governo, do Conselho Nacional de Cultura, das Comissões de Dinamização dos Comités de Base do Partido em Bissau,

dos Comités dos bairros de Bissau, assim como os Presidentes dos Comités de Estado de Região e de Sector e os Secretários da Organização do Partido que se encontram em Bissau. O Comité do Partido do sector autónomo de Bissau será constituído pelos seguintes camaradas:

Presidente — Bobo Queita, membro do Conselho Superior da Luta, Vice-Presidentes — Filinto de Barros e Mário Cabral, Secretário — Amélia Araújo, Tesoureiro — Jaime Sampa, Informação e Propaganda — Nicandro Barreto, Ideologia e Cultura Geral — Arnaldo

Araújo, Vogais encarregados da ligação com organismos de massas; mulheres — Maria Augusta Mendes (Tchutchá), JAAC e UNTG — Moreno Gomes.

A Conferência de Quadros da Organização do Partido analisou ainda duas importantes decisões adoptadas recentemente e que se relacionam com a Organização do Partido a nível regional, com a organização do sector de Bissau como sector autónomo. Estas duas decisões tinham sido tomadas de acordo com as medidas preconizadas no relatório geral do Comité Executivo da Luta apresentado pelo Secretário-Geral do

PAIGC ao Conselho Superior da Luta, na última reunião deste órgão do nosso Partido. As novas medidas destinam-se a adaptar o sistema organizacional do Partido a nível regional às novas necessidades da nossa luta, depois da libertação total do nosso país. E em particular no que diz respeito a Bissau, que pelas suas características específicas derivadas do número de habitantes e da acção negativa a que esteve sujeita sob o domínio colonial, até ao fim da luta armada de libertação nacional exigem uma organização especial dotada de uma certa autonomia.

BOUMEDIENNE RESPONDE A LUIZ CABRAL

O Presidente da República Democrática e Popular da Argélia, Houari Boumedienne, dirigiu um telegrama de agradecimento ao Chefe de Estado da Guiné-Bissau. No texto, afirma: «Muito sensibilizado pela mensagem de voto e de felicitações que me foi enviada por ocasião do 22.º aniversário da Revolução Argelina, permita-me que vos transmita os meus vi-

vos agradecimentos. Exprimo também a minha convicção de que os laços de cooperação entre os nossos dois países se consolidarão cada vez mais em benefício dos nossos povos e contribuirão para a realização dos objectivos da Unidade Africana. Aproveito esta ocasião para vos dirigir os meus votos de bem estar pessoal e sucessos na vossa nobre missão».

Telegrama de Hua Kuo-Feng para o camarada Francisco Mendes

O Primeiro-Ministro e Presidente da República Popular da China, Hua Kuo-Feng enviou ao camarada Francisco Mendes, Comissário Principal do Conselho dos Comissários de Estado da nossa República o seguinte telegrama:

«Apresento-lhe os meus sinceros agradecimentos pela mensagem que Vossa Excelência me enviou felicitando o 27.º aniversário da fundação da República Popular da China e faço votos pelo crescente incremento das relações amistosas entre os nossos dois países».

Vigilância

«Pedindo mil desculpas da presente massada, venho expôr nas colunas do **NÔ PINTCHA** mais um facto vergonhoso, pois se não houver quem elucide às entidades responsáveis, estas, como é evidente não podem fazer justiça.

Existem centenas de obstáculos que têm de ser contornados para que um país possa viver uma liberdade consciencializada. Entre estes como altamente nocivos para o povo, temos a corrupção, as cunhas, o oportunismo o açambarcamento e a especulação.

A palavra de ordem do Partido é vigilância e, essa vigilância tem sido cumprida por alguns, sobretudo no nosso **NÔ PINTCHA**. Todavia, apesar de toda a vigilância e denúncia de uma vasta série de falcatruas, o clamor não tem sido devidamente levado em conta, conforme nos é dado a observar. O nosso país, no caminho que escolheu, criou responsabilidades muito árduas. E entre estas avulta a mentalização do homem novo que se pretende, para essa nova sociedade.

A tarefa é, sobretudo, das mais ingratas nesta cidade de Bissau, onde o vício, a corrupção, o oportunismo, o açambarcamento e a especulação ainda campeiam, quase incólumes. Já lá vão mais de dois anos, que esta terra é independente e completamente livre do jugo colonial, mas ainda existem muitos saudosistas que fazem a mesma vida que faziam antigamente, auferindo lucros escandalosos em prejuízo do povo. Têm as autoridades sido de uma complacência extraordinária evitando agir, na esperança de uma recuperação desses elementos, mas cada dia surgem mais casos, infelizmente.

Aqui cito um para exemplo dessa falta de mentalização. No Cupelon de Baixo, como aliás em todos os bairros de Bissau, existe um Armazém do Povo, que é do povo e para o povo, e por povo se compreende a população que habita o referido bairro. Existem naquele estabelecimento estatal, uma série de empregados, cujos nomes de alguns cito por me parece-

rem dos mais responsáveis no que lamentavelmente se passa. Assim, existe um camarada de nome Saná, outro Joãozinho, parecendo ser este o respectivo encarregado, embora sem voz activa, pois parece que o Saná é que dita a lei no referido armazém. Existe ainda um Mutaro, um José Pereira.

Ora, dado o facto de haver uma certa dificuldade na obtenção do arroz e, para evitar abusos de açambarcamento inexplicáveis, é este produto distribuído parcimoniosamente, aos referidos Armazéns do Povo periféricos. Estamos certos que as entidades responsáveis da sede, ao fazerem tal distribuição, esperam que o precioso alimento seja distribuído criteriosamente à população. Mas é um erro.

No Armazém do Povo do Cupelon de Baixo, quem manda e dita a lei, são o camarada Saná e quejandos. Para eles não existe bicha. Pobres mulheres, muitas vezes com crianças nos braços sob a estorria do sol inclemente, indo por vezes de madrugada para a bicha, são preteridas, enquanto entre sorrisos e dichotes, o Saná e companhia admitem outras mulheres, pelas quais se interessam e às quais vendem muita quantidade, 12, 15 e 20 quilos sem qualquer espécie de canseira, enquanto as pobres da bicha, apenas recebem dois, três e, por vezes, no máximo, cinco quilos. E quando a bicha vai a meio vem a palavra fatídica acabou o arroz, isto é assim sem pôr nem tirar.

Afinal em que ficamos? Serão estes indivíduos bons filhos desta terra? Não, não podem ser, só podem ser saudosistas e inimigos do povo que eles deviam acarinhlar.

Aqui fica este esclarecimento, e ficarei muito satisfeito que contribua para uma modificação nas mentalidades desses e doutros camaradas, que não respeitam o próximo, julgando-se superiores, só porque ocupam um lugar de certa responsabilidade, de que na maioria dos casos não sabem dar conta».

Agostinho da Silva Gomes
(Gomes Baldé)

Comissario Fernando Fortes regressou da RDA

O camarada Fernando Fortes, Comissário de Estações dos Correios e Telecomunicações tinha feito uma visita oficial à República Democrática Alemã, a convite do seu homólogo alemão. O Comissário foi acompanhado de sua esposa, camarada Irene Fortes e João Jorge, adjunto do responsável do serviço telefónico.

Na RDA, o camarada Fortes teve algumas sessões de trabalho com o Ministro dos Correios e Telecomunicações e com o vice-ministro. Visitaram a cidade de Potsdam. Estiveram na sala onde foi realizada os acordos de Potsdam que reuniu os países que participaram na Segunda Guerra Mundial. Visitaram a cidade de Nollbenderburg onde existe uma escola de formação técnico-profissional dos serviços dos Correios e Telecomunicações. Segundo o camarada Comissário dos Correios e Telecomunicações, na consequência da troca de impressões, procurou pôr aos camaradas da RDA de maneira mais franca e real possível a nossa situação nesse domínio. Assinou um protocolo de cooperação. «Eles vão-nos dar uma ajuda substancial nesta fase de arranque para quebrar o isolamento em que estamos com o resto do mundo».

Em consequência desse acordo a República Democrática Alemã vai-nos conceder seis bolsas para a formação técnico-profissional e mandará para Bissau um conselheiro técnico, por um período mínimo de dois anos. Além disso, vai enviar técnicos para ajudarem na inventariação. Para já vão dar uma ajuda substancial,

sem qualquer limitação: aparelhos de medida, ferramentas, equipamentos e objectos do dia-a-dia. O camarada Fortes diz que «isto é uma coisa muito importante porque nesta fase em que estamos, de aquisição de material bastante especializado, precisamos de facto ter nacionais em condições de pelo menos conservar esse material todo».

O Comissário Fernando Fortes falou ainda da amizade que lhe foi demonstrada durante a sua estadia na RDA. «Fui recebido de uma maneira bastante fraterna. Tivemos a oportunidade de verificar a realidade de uma amizade sã e sincera da parte dos camaradas da RDA. Tive o grande prazer de constatar o interesse e amizade que eles deram provas e estou convencido que em consequência do protocolo de cooperação técnica que assinarei, vão dar uma ajuda bastante grande». Para ressaltar a imagem de interesse, da amizade e decisão que os camaradas da RDA demonstraram, o camarada Comissário disse: «No dia da minha partida, encontrei-me no aeroporto com o camarada Kurt Roth, embaixador da República Democrática Alemã. Informei-lhe, mais ou menos, como é que as conversações se tinham processado. Falei-lhe da assinatura do protocolo e ele disse-me que já tinha recebido ordens de o integrar no acordo de cooperação técnico-científico que vai ser assinado pelo Presidente Luiz Cabral. E eu havia assinado o acordo apenas na véspera da minha partida. Isso é para verem como é que eles de facto estão interessados em nos

ajudar».

No regresso, o camarada Fernando Fortes fez uma escala em Portugal. Teve a oportunidade de ultimar os contactos que tinha estabelecido anteriormente para a aquisição de equipamento, vinda de equipas técnicas da rede de cabos e o problema de adensamento da nossa rede interna de telecomunicações e de ligações com o exterior. Foi decidido também o problema de assinatura de acordos com Portugal. «A nossa situação com Portugal tem que ser revista e principalmente a situação da Marconi. Tudo isto ficou ultimamente para além da concretização efectiva da possibilidade de ajuda da formação de técnicos no domínio das telecomunicações telefónica, telegrafo, rádios-comunicações e da formação de técnicos especializados em telex».

Alguns trabalhadores já seguiram para o estágio em Portugal e dois seguirão esta semana. Vão realizar um trabalho sobre rede subterrânea em Lisboa, Figueira da Foz e Aveiro. O camarada Comissário dos Correios e Telecomunicações informou ainda que ontem recebeu a visita do engenheiro Inácio Pereira, um dos administradores dessa firma de redes subterrâneas que comunicou já ter recebido da parte da Administração Geral dos Correios, a autorização para a participação dos nossos camaradas nesse trabalho. Foi informado também pela Companhia Rádio Marconi que já foi cedido o material prometido e que vai começar a ser expedido por via aérea. Também estão dispostos a mandar um técnico para montar esse material.

RESPONDE O POVO

Mercados Municipais — 3

Grande parte da população de Bissau faz compras nos quatro mercados municipais que existem na cidade. Em Santa Luzia, Bandim, Ajuda ou no Mercado Municipal, no centro da cidade. Certos produtos só são encontrados nas bancas dos pequenos comerciantes desses mercados, geralmente mulheres que espalham a mercadoria no chão ou nas bancas, em pequena quantidade e exigem os preços que quiserem. Várias vezes os consumidores ficam prejudicados mas nem sempre existem fiscais para registarem as queixas. Como estão a funcionar esses mercados? Quais são os problemas que preocupam os consumidores e que justificação apresentam os vendedores na variação dos preços? Existem pois, muitas críticas, quais são elas e de que forma podem ser resolvidas? Um fiscal, um consumidor e uma vendedora do mercado de Ajuda respondem sobre isso.

Ildo Medina, 46 anos, fiscal e cobrador — «Os preços dos produtos neste mercado estão muito elevados. Os vendedores geralmente recusam em baixá-los. Para conseguir com que eles reduzem os

preços tenho às vezes que chamar a polícia, do contrário nada é resolvido. O funcionamento deste mercado aqui é muito mau. Hoje por acaso está movimentado, porque os «bideiros» trouxeram

peixes lá de baixo para revenderem aqui. O peixe aqui não se pesa, vende-se aos montinhos e cada um, com três ou cinco peixes, que geralmente nem chegam a um quilo, custam 15 pesos.

Eu, como fiscal e cobrador, vejo-me muito aflito para desempenhar as duas funções. Às vezes dirijo-me à presidente do Comité para lhe pedir ajuda. Sinceramente os vendedores deste mercado não obdecem a nenhuma ordens senão quando os polícias estão presentes. Assim que eles se vão embora, tornam a colocar os respectivos preços que tinham.

A fiscalização neste mercado não é muito rigorosa, porque estou tra-

balhando sozinho e certamente não posso dar conta de todo o recado. Vejam só, os naves vendem um pacote com seis cubos de Maggi para sopa e os revendedores compram esses pacotes, cortam cada cubo em quatro partes iguais e vendem a dois pesos e meio cada quarta parte. Peço aos camaradas responsáveis pelos mercados que se encarreguem de arranjar pelo menos mais uma pessoa para me ajudar a trabalhar».

Mário da Silva, 24 anos, funcionário — «Este mercado tem estado a funcionar em más condições, tanto de higiene como a questão dos preços da maioria dos produtos. O peixe não tem

preço certo. Ora vende-se a 15, ora a vinte e até 25 pesos o de segunda. O de primeira custa 28 pesos. Não se nota diferença alguma entre os de primeira e os de segunda. Para se normalizar esta situação os responsáveis devem arranjar balanças e obrigar os vendedores a pesarem os peixes ou qualquer produto de grande necessidade. Hoje vim comprar peixe, e a mulher diz-me que só vende três peixinhos por vinte pesos, que nem chega a meio quilo, então o que é isto?»

A carne é que nunca aparece neste mercado. Nos tempos em que aparecia, um indivíduo poderia comprar carne de segunda só se comprasse

um quilo de carne de primeira. Os encarregados devem mandar carne a este mercado pelo menos duas vezes por semana, mas não com essas condições. Penso que a fiscalização deve ser intensificada neste mercado».

Henriqueta Marques Vieira, 38 anos, vendedora — «O fiscal deste mercado pede para baixarmos o preço dos produtos, mas eu não posso baixar o preço dos sorvetes que vendo, porque cada quilo de açúcar são 25 pesos e cada caneca de cabaceira é um peso. Se vender os sorvetes a cinco tostões cada, não tenho o mínimo lucro.

Central de cooperativas

Após o 25 de Abril, punha-se o problema de fazer chegar aos trabalhadores os géneros alimentícios que vinham sendo doados por diversas instituições. Estes produtos eram a princípio distribuídos gratuitamente, com grande falha em atingir toda a população trabalhadora, além de todos os problemas sociais e morais que o sistema acarreta.

Urgia então prover as necessidades de alimentação mediante uma melhor canalização dessas dádivas.

Então militantes foram dinamizando a ideia de criar Cooperativas de Consumo, tendo em vista combater a especulação e o açambarcamento de produtos. Uma vez criadas as respectivas Cooperativas de Consumo, os produtos passaram a ser vendidos a preços módicos.

Por altura da independência havia já dezenas de Cooperativas, especialmente em Santiago, Santo Antão e S. Nicolau.

Surgiu então a necessidade de dar um apoio permanente a essas iniciativas. Foi assim que a 1 de Agosto de 1975 foi fundada, pelo Partido, a Central de Cooperativas. Os produtos eram fornecidos pela EMPA, Instituto Caboverdiano de Solidariedade e casas comerciais. A Central de Cooperativas passou a ser uma personalidade intermédia entre essas organizações e os trabalhadores, tendo o apoio do Governo. Funcionava à base de crédito. Tinha uma estrutura específica de Cooperativa de Consumo. Não possuía quaisquer fundos.

Mais tarde, a Central veio a obter do Governo uma credencial que a reconhecia como elemento dinamizador das cooperativas. Deste modo, conseguiu-se centralizar o movimento e a Central passou a requisitar directamente dos fornecedores os produtos e a fornecê-los às diferentes cooperativas, a preços unificados. Esta unificação de preços permitia-lhe uma margem de lucros que lhe veio a dar uma autonomia financeira, possibilitando a importação de determinados produtos alimentícios do Senegal e Portugal. Passou também a administrar uma padaria. Graças a esse trabalho conseguiu resolver o problema de transporte de mercadorias, comprando camiões.

Apesar de as estruturas serem então deficientes, deu-se contudo alguns passos à escala nacional. Foi importante a criação de uma delegação em S. Vicente, a União das Cooperativas de Santo Antão e S. Vicente, com o objectivo de apoiar as actividades das cooperativas locais e dar apoio técnico a um abastecimento a Santo Antão e S. Nicolau, onde já existiam Cooperativas de Consumo. Mas decorrido algum tempo, a maioria dessas cooperativas paralisou a sua actividade, passando o abastecimento a ser feito através da Admi-

nistração Interna. Hoje, na Praia, há 30 cooperativas de consumo funcionando como fundo de maneio.

No domínio da Produção, há a Cooperativa de Carpintaria e Marcenaria «Trabalho e Progresso» na cidade da Praia.

Há também três projectos, já concluídos na Cidade de Velha. Projectos de entreajuda, consistindo na execução colectiva de certas tarefas por parte dos agricultores, como exemplo a construção, protecção e equipamento de um poço, construção de um tanque, protecção e equipamento de um furo já existente. Este trabalho foi feito na base de «djunta-mon» e participação de cada um de acordo com o benefício que tire do projecto.

Está em perspectiva o estabelecimento de crédito agrícola.

COOPERATIVA «TRABALHO E PROGRESSO»

Em meados de Novembro, isto é, três meses após a criação da Central, iniciaram-se os trabalhos de mobilização e organização dos carpinteiros e marceneiros da Praia e arredores em ordem à constituição duma cooperativa operária de produção.

Um mês de campanha promovida pela Central das Cooperativas foi suficiente para que um número razoável de operários que corresponderam ao apelo lançado visse que, de facto, a cooperativa era uma arena valiosa de luta contra o desemprego e sub-emprego e um meio de promoção económica, social e cultural dos trabalhadores.

Assim, em 2 de Dezembro de 1975, um pequeno número de carpinteiros e marceneiros, entre os mais entusiasmados pela ideia de cooperativa, decidiu iniciar as actividades de fabrico de carteiras escolares, colocando desta forma, as primeiras pedras daquilo que viria a ser, hoje, a cooperativa «Trabalho e Progresso».

Esta iniciativa contou desde o início com o apoio do Governo, que pôs à disposição da Central de Cooperativas um edifício onde funcionava a antiga Escola de Formação Profissional acelerada, situada na Achada de Santo António — suburbio da cidade da Praia — e uma importância de 300 contos, além de algumas ferramentas manuais e matérias-primas, que passaram a constituir o património da cooperativa contabilizado junto da Central das

Cooperativas de Cabo Verde, tendo em vista a sua posterior amortização.

Pouco tempo após se ter registado o arranque da cooperativa, juntou-se-lhe 25 operários.

REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL

O principal problema da cooperativa «Trabalho e Progresso» continua a ser a contradição entre as estruturas, que podem ser classificadas de avançadas, e as infra-estruturas que são rudimentares (instalações, ferramentas, etc.).

Perspectiva-se para o ano de 1976/77, isto é, até ao mês de Janeiro de 1977 a execução do plano seguinte:

Primeira fase — *Ampliação das Instalações:*

— Construção de mais um barracão de 36/10 metros;

— Construção de um alpendre coberto para armazém de matérias-primas;

— Um pátio coberto com 20/15 metros;

a) — Instalação da corrente eléctrica;

b) — Instalação de máquinas industriais;

c) — O orçamento para este primeiro ano estima-se em 1 168 000\$00.

Com a concretização deste plano, a cooperativa poderá quadruplicar a sua capacidade de elaboração, mantendo o número de mão-de-obra que actualmente dispõe, no total de 50 elementos, sendo 35 dentro da oficina e 15 executando encomendas fora.

De Janeiro de 1977 a Janeiro de 1978, será dada especial atenção aos trabalhos da consolidação da cooperativa, propriamente dita, dando especial atenção à *preparação técnica e associativa dos cooperadores*. Está para abrir um curso de formação de técnicos patrocinado por técnicos portugueses. Com este curso pensa-se qualificar alguns delegados para os quatro concelhos da ilha de Santiago. O mesmo curso será ministrado em S. Vicente, de 15 de Dezembro a 12 de Janeiro, também participando nele elementos de S. Nicolau e Santo Antão.

Segunda Fase:

O segundo plano, a ser executado a partir do ano de 1978, seria uma tentativa de enquadramento de um maior número dos profissionais de carpintaria e marcenaria da Praia e arredores na «Cooperativa Trabalho e Progresso». Tal projecto poderá implicar a

construção de um novo edifício com capacidade para absorver 100 a 150 operários, em que o financiamento seria suportado pela própria cooperativa, através de um fundo para *renovação do capital*.

Ainda no domínio da produção pensa-se em apoiar e dinamizar a criação de uma cooperativa de costura, que já conta com mais de 50 inscritos (costureiras). A ideia tem sido acolhida com muito entusiasmo e muitas das costureiras já puseram à disposição da cooperativa o seu próprio material. Para começar a funcionar só precisa de instalações e de um mínimo de materiais necessários. Conta-se receber ajudas do Governo e de instituições estrangeiras; mas acima de tudo pretende-se contar com o próprio esforço.

Esta cooperativa constará de três secções: costura, bordado e tinturaria.

Será uma cooperativa com condições para se vir a industrializar, podendo neste sentido dar apoio a muitas iniciativas dispersas.

ENCONTRO COM TÉCNICOS DO CILSS

Realizou-se no mês de Outubro, encontros entre membros da Direcção da CCCV e um enviado da CILSS, (Comité Inter-Estados para a Luta contra a Seca no Sahel), sr. Bochet, engenheiro agrónomo, o qual se fez acompanhar de um funcionário do Ministério de Agricultura e Águas, Ramiro Azevedo.

No primeiro dia do encontro, o sr. Bochet apresentou à Direcção da Central um documento contendo vários questionários sobre o Movimento Cooperativista no nosso País; foram-lhe prestadas informações relativas às actividades cooperativistas desenvolvidas após a queda do regime colonial-fascista — 25 de Abril — bem como as dificuldades encontradas e perspectivas de reestruturação e desenvolvimento de novas acções visando a consolidação do movimento em curso.

No mesmo dia, o sr. Bochet, na companhia de camaradas desta Central, deslocou-se à oficina da Cooperativa «TRABALHO E PROGRESSO» onde teve a oportunidade de, *in loco*, contactar essa realidade, tendo demonstrado sua satisfação pelo facto de os operários terem decidido, sem grandes meios, organizarem-se numa Unidade de Produção batendo-se pela construção de uma economia ao Serviço do Povo.

No final do primeiro en-

(Continua na página 6)



AMÍLCAR CABRAL

III. As leis portuguesas de dominação colonial

6. Organização Administrativa

n) controlar as missões religiosas e as suas filiais e agentes;

o) opôr-se «por todos os meios» às queimadas nocivas que os indígenas têm o costume de fazer;

p) informar as autoridades superiores de tudo o que pode «exercer influência sobre a tranquilidade do território e o exercício normal da soberania nacional»;

q) fornecer às autoridades militares todos os elementos de interesse para «a defesa do território nacional», elaborar e fazer elaborar listas «de todos os animais domésticos, viaturas e armas de fogo».

Os chefes de posto têm as funções de agente de polícia e de agente do administrador de circunscrição (art. 68 da Reforma Administrativa do Ultramar. É por intermédio dos seus subordinados que o indivíduo e a colectividade africana suportam, regra geral, o domínio português. O grande número de postos administrativos num país pequeno e atrasado como a Guiné «portuguesa» revela tanto o espírito de insubmissão do seu povo como a preocupação, por parte das autoridades, de exercer sobre ele uma acção constante e um contrólê apertado.

Entre as competências do chefe de posto podem citar-se as seguintes:

a) exercer a vigilância geral «para conhecer bem os factos susceptíveis de alterar o decurso normal da vida indígena».

b) propôr ao Administrador as penas que é necessário aplicar às autoridades tradicionais e a deportação dos indígenas cuja presença representar uma ameaça para a tranquilidade pública;

c) efectuar todos os anos o recenseamento da população e fazer o inventário de todos os animais domésticos;

d) participar aos administradores todos os actos que se possam considerar como graves ou anormais na actividade das missões religiosas, procurando saber se elas se mantêm nos limites traçados pelas leis à sua actividade;

e) utilizar os chefes indígenas como auxiliares da administração, seguindo, nas relações com eles, as directivas fixadas e as instruções transmitidas pelo Administrador;

f) dirigir a abertura de estradas e velar pela sua limpeza, de acordo com as instruções recebidas;

g) cobrar o imposto indígena;

h) prestar todo o auxílio e protecção aos europeus de passagem na região;

i) controlar o uso de armas por parte dos indígenas e conhecer a existência de quaisquer reservas de pólvora ou munições.

* Relatório geral sobre a luta de libertação nacional apresentado na Conferência das Organizações Nacionalistas da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde, realizada em Dakar de 12 a 14 de Julho de 1961.

"O POVO SAHARAOUÍ NÃO

«O mal do imperialismo é que ele não toma em conta a consciência e a determinação de um povo. Para ele basta um exército numeroso e muito bem equipado para esmagar a revolução de um pequeno povo em duas semanas». Disse o camarada Mohamed Ould Salek, Ministro da Informação da República Árabe Saharaoui Democrática, numa conferência de imprensa realizada na quarta-feira passada, às 11 h.

O Ministro da Informação saharauí fez uma longa exposição sobre a luta do seu povo desde a resistência à penetração colonial europeia, passando pela criação de movimentos de reivindicação, nacionais, até ao desencadeamento da luta armada e o seu desenvolvimento no terreno, contra a agressão anexionista de Marrocos e Mauritânia. O camarada Víctor Saúde Maria, membro do Comité Executivo de Luta e Comissário dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau, fez uma introdução à entrevista e falou, no final, da conferência, reafirmando a Mohamed Salem a posição inequívoca do nosso Governo, baseada nos princípios do nosso Partido, no seu apoio à luta do povo do Sahara e a Frente de Polisário. Lílica Boal, directora-geral do Instituto de Amizade, entrevistou em nome das mulheres da Guiné-Bissau na sua solidariedade para com as mulheres do Sahara.

Vários jornalistas e representantes dos órgãos de informação nacionais colocaram questões ao visitante saharauí, sobre os problemas internos do Sahara face à agressão Marroco. Mauritaniana e as suas repercussões a nível internacional. Mais de uma centena de pessoas assistiram à conferência.

«É bom explicarmos aos camaradas o problema do Sahara, como já o fez o Ministro Mohamed Salem — começou por dizer o Comissário Víctor Saúde Maria. — O problema está claro para nós, para Marrocos, Mauritânia e para outros países. Em todas as decisões tomadas no plano internacional e na África, nós sempre declaramos nos relatórios e nas intervenções de organizações internacionais a favor da audiência do povo saharauí. Mas para ser ouvido é necessária uma comissão internacional que fosse controlar as eleições do povo deste país».

«Acentuamos que, no dia em que o povo saharauí exprimir sua disposição em juntar-se com Marrocos e Mauritânia, sob o controle internacional, nós vamos apoiá-lo. Mas nada disso se verificou. O relatório da comissão internacional de clara que o povo saharauí está contra essa anexação e que o seu único representante legítimo é a Frente Polisário. Qualquer envio de missões de controle da ONU e da OUA só será aceita com o consentimento da Frente Polisário. Esta decisão foi, inicialmente, apoiada por Marrocos e Mauritânia, que ultimamente mudaram de posição. Por isso a batalha tem que continuar no interior do Sahara e no plano internacional para levar a frente todas essas decisões».

«Quero afirmar ao camarada Mohamed Salem, em nome do nosso Governo e do nosso Partido, que vamos continuar a

nossa posição firme e clara de apoiar a luta do seu país. Uma luta que não é só do povo do Sahara mas também de todos nós, particularmente em África. Pois, enquanto continuarmos a ver sofrer outros povos no Sahara e na África Austral, não podemos considerar-nos livres. Apesar de todas as dificuldades que estamos a enfrentar no nosso país, lembramos justamente o que isto representou para nós no plano internacional. O nosso povo saiu vitorioso após longos anos de luta armada, mas beneficiou-se também de ajuda internacional para se desenvolver».

É importante deixar aqui as coisas claras. Nós pelo nosso Partido, PAIGC, que regem as nossas opções e que não podemos trair. Portanto, temos que seguir esses princípios nem que sejam necessários sacrifícios originados pela nossa tomada de posição. Estamos contra qualquer tentativa de agressão à força de um país ao outro, não obstante as relações que possamos ter com o país agressor. «Nós estamos prontos a isso. Prontos para apoiar a luta de qualquer novo seja ele da África, da Ásia ou da América, até a sua libertação total. Esta foi a mensagem que nos deixou o nosso querido secretário-geral, camarada Amílcar Cabral».

Mohamed Salem Ould Salek, começa a sua exposição e em seguida responde às perguntas da imprensa nacional:

«Antes de mais quero dirigir os meus agradecimentos ao meu amigo e camarada, Víctor Saúde Maria, por participar nesta conferência e pelo resumo global que fez sobre a luta do povo saharauí, que é uma luta integrante da luta dos povos africanos pela independência e soberania. Quero também agradecer ao PAIGC, um Partido

muito conhecido por nós no Sahara, por ser um partido que lutou mais de 20 anos pela independência total e soberania da Guiné-Bissau e Cabo Verde. É um Partido anti-colonialista, anti-imperialista e anti-neocolonialista».

«Igualmente saudamos o povo da Guiné-Bissau e o seu Governo pela firme posição revolucionária e os princípios que sempre tomou ao lado dos povos que lutam pela liberdade. Sobretudo o nosso povo, no Sahara Ocidental, que está lutando com as armas na mão contra o colonialismo para alcançar a sua independência nacional».

«Entretanto, para explicar aos camaradas a história da luta do povo saharauí, tenho que recuar, um pouco, no tempo, para terem uma ideia da luta que este povo fez durante muitos séculos contra o colonialismo es-

panhol. A tentativa de colonização portuguesa, nos séculos XV e XVI e a tentativa de colonização da Inglaterra no século XVIII, foram derrotadas pela resistência do nosso povo. A partir de 1884 e até 1935, durante 50 anos, o nosso povo lutou contra o colonialismo espanhol que já não seria capaz de permanecer no Sahara se não fosse a colaboração do colonialismo francês, naquele momento em Marrocos, Mauritânia e Argélia».

«Depois desta etapa de luta, o nosso povo lutou contra o colonialismo espanhol de muitas outras formas: política, social e até à luta armada, a partir dos anos 1945. Porque após esta etapa do colonialismo francês, mais exactamente, depois da independência política de Marrocos, a colaboração com os regimes reacionários desse país, tem sido sempre uma arma entre os aliados do imperialismo».

«Para fazer um resumo sobre a situação do Sahara a partir de 1950 até este momento, apontamos que o exército do movimento de libertação deste território, de 1953 até 1958, foi derrubado pelos espanhóis. E a partir de 1963, o movimento nacionalista de reivindicação dominou todo o território, sobretudo após o descobrimento das jazidas de fosfatos em Bou Craâ. Depois de 1967, a

Frente de Libertação do Sahara começou a luta de reivindicação pela independência e, quanto mais se desenvolvia a luta maior era a repressão contra as populações civis e contra o nosso movimento, com a intervenção das forças fascistas do colonialismo espanhol».

«A criação da Frente Polisário em 1972 foi acompanhada do início de luta armada do povo saharauí contra a ocupação colonial. A partir de 20 de Maio de 1973, e durante mais de três anos, a nossa Frente lutou contra todo o bloqueio económico, político e informativo sobre a luta saharauí e sem a ajuda estrangeira. E isso, com a extrema coordenação do colonialismo espanhol, do imperialismo e da reacção do Norte da África».

ESTRATÉGIA IMPERIALISTA

«Nessa altura o nosso povo libertou a quase totalidade do país, ultrapassando 80 por cento do território, tendo iniciado a organização de uma nova vida nas zonas libertadas. Com essa derrota do colonialismo espanhol, a estratégia imperialista mudou de forma em 1975. Armou Marrocos e Mauritânia, dois vizinhos do Sahara, para ocupar e repartir o nosso país. Mudou de fa-

ce precisamente porque Espanha já não podia garantir a colonização e interesses do imperialismo no território. Portanto, o imperialismo neste papel e empurrou Marrocos e Mauritânia a nível internacional, reivindicarem o Sahara».

«A nossa luta insere-se no quadro da luta dos povos do Terceiro Mundo, para uma independência total e efectiva dos países oprimidos. Também se insere na luta dos povos africanos para uma liberdade verdadeira Unidade Africana. Porque nós consideramos que a realidade de África hoje em dia é uma realidade neocolonialista. Por isso estamos a lutar também para uma realidade de independência total e efectiva de todos os povos africanos e para a unidade na qual o homem africano tenha liberdade e sua pátria e viva livremente para edificar uma sociedade que lhe convém económica e politicamente sem nenhuma intervenção estrangeira».

«O Sahara ocupa um ponto estratégico muito importante para o imperialismo depois da derrota no Sudoeste Asiático: Vietname, Camboja e Laos, e sobretudo aqui em África, após derrota do imperialismo fascista português».



Assistência atenta às palavras do ministro saharauí

ACEITA MANOBRAS”

Guiné-Bissau, em Angola e Moçambique. O Sahara situa-se ao lado das ilhas Canárias, também uma colónia espanhola. Com a revolução do 25 de Abril em Portugal e com as tentativas de mudanças na Europa, sobretudo em Espanha e na Itália, as Ilhas Canárias são um ponto estratégico para a Otan e para as potências imperialistas. Portanto, o imperialismo não aceitará o território independente e progressista».

«O outro facto importante para o imperialismo é do ponto de vista económico. No Sahara há petróleo, gás natural, muito fosfato, urânio e vários outros minerais. Uma mudança a favor da revolução no país, seria algo brutal para o imperialismo visto já haver no Norte de África a revolução argelina e o regime progressista líbio. Isto traria um desequilíbrio a favor da revolução africana e, por consequência, os regimes que aplicam actualmente as manobras e os planos do imperialismo seriam rodeados por forças progressistas democráticas no Continente».

«Não está a ser feita apenas uma revolução armada no Sahara, mas também uma revolução social, o que vocês devem saber. Quero somente resumir que o

nosso povo e a Frente Polisário lutam principalmente para serem livres e soberanos. Isto é, nós lutamos para a eliminação da exploração do homem pelo homem e para edificar no nosso país uma sociedade livre e independente».

TERCEIRO CONGRESSO

«O Terceiro Congresso da Frente Polisário, realizado a 28 de Agosto último, adoptou uma Constituição da República Democrática do Sahara e um programa nacional no qual se pode encontrar soluções e posições da República que é, antes de tudo, uma república socialista, como pretendemos criá-la. O regime político é de uma forma democrática directa em que o povo elege os representantes a partir dos congressos de base até ao Congresso Nacional Popular. Elegem também todos os organismos revolucionários, entre os quais, o Bureau Político e o Comité Executivo da Frente Polisário, e nomeiam os dirigentes do organismo».

«O imperialismo mudou de tática, também, depois do malogro da reivindicação marroquina e mauritânica ao território sahariano. Depois da declaração 1514 da Assembleia Geral das

Nações Unidas de 1970, que expressava o apoio a todos os povos colonizados em luta pela independência total, esse organismo internacional tomou posições firmes de apoio ao nosso povo. Espanha quis criar um Estado neo-colonialista no Sahara, em 1976, que pudesse ser controlado por ela própria. Nesta base, Marrocos estava a apoiar esta pretensão espanhola mas de maneira que o Estado neo-colonialista viesse a conformar com os seus interesses».

«Como o povo saharauí não aceita estas manobras, sobretudo depois do desencadeamento da luta armada, Marrocos muda novamente de atitude e já não lhe interessa a criação de um Estado nem aceita o direito à autodeterminação e à independência do povo saharauí. A Assembleia Geral da ONU continuou a apoiar a nossa luta, tomou muitas decisões e enviou uma comissão de visita ao nosso país e acabou por constatar que a Frente Polisário é a única representante legítima do povo saharauí, pois, o povo, na sua totalidade, quer a independência do país».

«Da mesma maneira, a Assembleia Geral pediu ao Corpo Internacional de Justiça um visto sobre a situação do Sahara. Este corpo apoiou

as resoluções da Assembleia Geral. E apoiou a tese de que o Sahara é um território que nunca foi colonizado e nem faz parte de Marrocos ou Mauritânia. Por outro lado, a OUA tomou decisões de apoio, assim como o Movimento dos Não-Alinhados e outras organizações internacionais. Perante tudo isto, o imperialismo tentou manobras e mostrou abertamente a sua verdadeira cara de anti-revolução e anti-liberdade popular».

«Não significa que o nosso povo esteja apenas à espera de ser libertada por todas essas organizações internacionais. O nosso povo conta libertar o seu país com as armas, por isso a luta continua. Ela continua porque já lutámos até à saída dos espanhóis e estamos a lutar agora contra a agressão marroquina-mauritânica. Foi já há um ano, em 31 de Outubro de 1975, que estes dois países invadiram o nosso país do Norte, do Sul e do mar Atlântico».

«Actualmente Marrocos e Mauritânia já não podem continuar decisivamente a luta visto que mais de 13 mil soldados, entre mortos, feridos e capturados pela Frente Polisário, foram postos fora de combate. O nos-

so povo abateu 29 aviões durante este período de um ano e destruiu mais de 700 camiões e tanques blindados inimigos. Os nossos combatentes têm levado a guerra até ao interior de Marrocos e da Mauritânia, o que não permitirá Marrocos continuar a guerra, na medida em que tem disperso muito as suas forças de combate».

«Do ponto de vista militar, a estratégia imperialista considerava que Marrocos, um país muito extenso, com muita força, e por cima com a ajuda militar imperialista e a aliança da Mauritânia, esmagaria a nossa resistência em uma ou duas semanas. Assim pensa o imperialismo. O mal de tudo isso, é que ele não leva em conta a consciência e a determinação dos povos. Em consequência disso, Marrocos perdeu, nas primeiras semanas da sua invasão, mais de 750 soldados, perante a determinação dos guerreiros e da milícia popular».

DESTRUIÇÃO MASSIVA

«Nessa altura, Marrocos tentou ocupar o máximo de posições estratégicas empregando todos os meios de destruição massiva: bombas napalm e fósforo contra as populações civis, e a artilharia para bombardear todas as localidades sem fazer diferença entre combatentes e população. Por essa razão, transferimos grande parte das cidades para as regiões libertadas, em média de 60 por cento do território e outra parte refugia-se em terras amigas da Argélia».

«Marrocos queria afastar os guerrilheiros e as milícias populares da defensiva a fim de tomar todos os postos importantes. Deixamos que eles disparassem as suas forças enviando o maior número de soldados aliados de Marrocos e Mauritânia para os diferentes pontos. Chegou um momento em que perceberam que cada uma dessas forças estava rodeada pelos nossos combatentes. Nisso resultaram muitas baixas e perdas em material inimigo».

«De momento estamos a lutar no solo mauritânico contra Marrocos. Como devem saber, Marrocos tem sempre reivin-

dicado que a Mauritânia faz parte integrante do seu império. Marrocos reivindicou este país durante mais de 10 anos, de 1958 a 1968. É fácil ver, portanto, que o reconhecimento de Marrocos à Mauritânia é tático».

«Face a todas as eventualidades, Marrocos quer mudar de tática para ir atacar a revolução argelina. Assim pensa ela que, a nível internacional, quando dos Estados membros das organizações internacionais se defrontam entre si, já não se fala de uma questão entre povos mas sim entre Estados, porque os direitos internacionais contemporâneos discutem mais os problemas dos Estados que dos povos. Os camaradas têm um exemplo: quando Portugal dizia que as suas colónias faziam parte integrante do seu território e, por consequência disso, não se podia falar delas perante a Assembleia Geral das Nações Unidas. Isso, parte do contexto das relações internacionais clássicas. Pertence a uma época em que o colonialismo e o imperialismo se esforçam por estabelecer uma ordem internacional que favoreça aos Estados já independentes da Europa e que desfavoreça aos povos que lutam pela independência política e económica».

«A luta entre os povos transformou bastante esta ordem. Todavia, nessa época, quando dois Estados fazem guerra entre si, não se fala dos povos desses Estados. Quer dizer então que as organizações internacionais existentes não são dos povos mas de Estados. As organizações internacionais devem ser dos povos que lutam pela independência nacional e não de Estados agressores e imperialistas. Pois, como já me referi, Marrocos está a preparar uma guerra contra a Argélia para que se passe a tratar a questão de conflitos entre Estados e não se fale do povo saharauí».

«Basta reparar na guerra do Médio Oriente, onde já não se fala dos direitos do povo palestino, se não de uma guerra civil ou de uma intervenção síria ou de outra coisa. São as manobras imperialistas. Para nós, queremos dizer que é a revolução saharauí que está a lutar pela liberdade do povo do Sahara».



«O imperialismo mudou de tática...»

Torneio quadrangular

Benfica 3 — Ténis Club 2

Com a finalidade de angariar fundos a direcção de Sport Bissau e Benfica organiza um torneio quadrangular de futebol, em que participam além da sua equipa de honra, as da Udib, do Sporting de Bissau e do Ténis Clube.

Assim, teve início no passado dia 17, à noite, no estádio Lino Correia, em Bissau, o primeiro encontro de futebol, em que pôs frente a frente as equipas do Benfica e do Ténis Clube, que terminou com a vitória dos encarnados por três bolas a duas.

Estádio Lino Correia, assistência fraca. Árbitro Alfredo Nunes, coadjuvado por J. Gomes e Romão Morgado. Constituição das equipas: *Benfica* — Abel, Jacinto João, Agostinho (capitão), Mancinho, Baió, Quintino, Iano (ex-desportivo de Farim), Nho-rei, Ussufi, Saná (ex-Ténis Clube) e N'Pinté. *Ténis Clube* — Barreto, Miran, da Djeco, Moreno, Celestino (capitão), Cuca (ex-Bula), Albino, José Maria, Djosé, Bacari (ex-desportivo de Farim) e Miguel (ex-Udib).

Substituições: Na equipa encarnada registou-se apenas uma substituição de Ussufi por Braima, quando faltavam três minutos para o término do encontro. No Ténis Clube, após o intervalo Barreto e Albino não regressaram ao terreno, sendo substituídos por Borja (guarda-redes da selecção nacional A) e Fernandinho respectivamente. Entretanto outras substituições se registaram ao longo da segunda parte, pois aos 65 min. saiu Bacari e entrou Nuno Helder, aos 80min Nelson substituiu José Maria e finalmente aos 85min Rucas entrou para o lugar de Moreno.

Ao intervalo o marcador era de dois para o Benfica e um para o Ténis Clube. Golos: aos três minutos e cinco segundos, Bacari aproveitando inteligentemente uma oferta da defensiva encarnada dentro da grande área e, com um ligeiro toque anichou a bola nas redes, sem quaisquer possibilidades de defesa para o guarda-abel Abel. Volvidos, porém, quatro minutos, o Benfica, por intermédio

do seu extremo esquerdo, N'Pinté, de cabeça estabelecia a igualdade num autêntico frango de Barreto. Aos 24min novo frango de Barreto ao tentar fazer um bonito a um chapéu inofensivo atirado de fora da grande área pelo estreado encarnado Iano que desfez a igualdade com que se havia de chegar ao intervalo.

No reatamento, logo aos 9 min, seria a vez do guarda-abel Borja oferecer também um «frango», proporcionando aos encarnados a obtenção do seu terceiro e último gol da autoria do seu ex-colega de equipa Saná, agora envergando a camisola rubra. Quando faltavam trinta segundos para terminar o encontro e na sequência de um pontapé de canto, a equipa do Ténis Clube viu coroado de êxito o seu maior domínio, com a obtenção do seu segundo gol, por Fernandinho num toque subtil a fazer o esférico a anichar-se no fundo das malhas.

Passadas algumas horas sobre a realização deste jogo particular entre as equipas de honra

do Benfica e do Ténis Clube, não há dúvidas que ainda nos interrogamos sobre a injustiça do resultado, tanto nos inclinamos para o aceitarmos bastante lisonjeiro para os encarnados como totalmente imerecida para os rapazes de Tonecas Parente, por aquilo que fizeram ao longo da etapa complementar. Só a infeliz actuação de Barreto na primeira parte contribuiu para a eliminação da sua equipa, agravada ainda um pouco com as perdas incriveis de Miguel, ajudaria a equipa de Cipriano Jacinto a chegar ao fim dos 90 min vencedora.

Uma vez o desafio iniciado, viu-se a preocupação dos encarnados — onde as ausências de Herculano e de Niná foram notórias — em não deixarem os jovens futebolistas do Ténis Clube manobram-se à vontade, forçando logo de início uma toada de ataque rápida e ardilosa que pudesse amedrontar os alvos. O Ténis soube aguentar esse ímpeto, jogando muito certo, sobretudo no quarteto defensivo.

CABO VERDE

CENTRAL DE COOPERATIVAS

(Continuação da pág. 3)

contro, o sr. Bochet marcou um novo encontro para a conclusão de alguns pontos, o qual se efectivou com a presença de um camarada enviado pela Direcção Nacional de Cooperaçao que, de forma militante, prestou uma assistência valiosa

às conversações que se desenvolveram, tendo ficado assente que, mediante propostas concretas formuladas pela Direcção da Central, existem possibilidades de a CILSS vir a conceder um apoio a esta Instituição e às Cooperativas, em especial, nos domínios de:

- a) No exterior, concedendo bolsas de estudo;
- b) Local, enviando técnicos e materiais didácticos;
- Assistência técnica na elaboração de planos e projectos;
- Financiamento de Unidades Cooperativas;
- a) Carpintaria e Marce-

na; naria; b) Construção Civil; c) Agrícolas; d) Pesca; e) Costura, Tinturaria e Bordados. Finalmente, o sr. Bochet apelou para que se providenciasse no sentido de precisar em termos concretos as necessidades.

ANUNCIOS

Aluga-se

Um estabelecimento. Os interessados devem contactar na Gerência de Organizações Ancar.

Agradecimento

António José dos Reis e toda a família enlutada por motivo do falecimento do seu chorado pai e tia, respectivamente José Estêvão do, Reis e Josefa Ana Ramos, em Cabo Verde na ilha de S. Vicente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram e tiveram a bondade de os

acompanhar naquela hora de amargura. Para com todas estas pessoas é indelével o nosso reconhecimento, e não podemos deixar de lhes manifestar quanto nos sensibilizou tão grande prova de amizade. Sentimo-nos na obrigação, de, por esta forma, expressar a nossa gratidão por tantas e inesquecíveis atenções.

Agradecimento

Marcelina Dias Semedo Jesus, filhos e famílias enlutadas, agradecem a todos os amigos do seu querido e chorado marido, pai, família, Isidoro Semedo Jesus, em es-

pecial aos camaradas do Comissariado de Saúde (médicos, enfermeiros e serventes) que durante a doença que o vitimou, lhe prestaram assistência e a todos os que participaram no cortejo fúnebre.

Condolência

O pessoal do Comissariado de Estado de Saúde e Assuntos Sociais manifesta a sua solidariedade e o seu profundo sentimento de pesar pelo falecimento do saudoso camarada Isidoro Semedo Jesus

que foi funcionário deste Comissariado e apresenta à vjiva e toda a família enlutada a expressão da nossa sentida condolência.

Exposição de pintura

Estará aberta ao público, a partir de hoje, no Salão Amílcar Cabral da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné, uma exposição de pintura a óleo do pintor Francisco Carapito.

Horário — das 18 às 20; e das 21 às 23 horas.

NO PINTCHA

Trisemanário do Comissariado de Informação e Turismo — Sai às terças, quintas e sábados.
Serviço Informação das Agências: AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina.
Redacção, Administração e Oficinas. Avenida do Brasil.
Telefones: — Redacção 3713/3728. — Administração e Publicidade — 3726.
Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:
Um ano 400,00
Seis meses 250,00
Outros Países Africanos e Portugal:
Um ano 500,00
Seis meses 350,00
Serviços de Distribuição e Venda do «Nô PINTCHA» — Caixa Postal, 154.
BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMACIAS

HOJE — Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 2702. AMANHÃ — Central — Rua Vitorino Costa, telefone 2453. SEGUNDA-FEIRA — Higiene — Rua António N'Bana, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital «Simão Mendes» — 2888/2867.
Bombeiros — 2222.
POLICIA; 1.ª Esquadra 3333 — 2.ª Esquadra — 3444
CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto/4 — TAP 3991/3 — TAGB 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS;
Agua e Electricidade 2411 — (das 7h às 17h)
Assistência à rede eléctrica 2414 — (das 16h às 24h)
Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

SABADO — Primeiro Período de emissão:
5h 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em lingua/Mandinga e Fula; 7h — Noticiário/português/criolo; — Actualidades sonoras rep. 8h — Fecho da estação.
Segundo período de emissão
11h 55min — Abertura da estação; 12h — Fim de semana; 13h — Música crioula; 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (criolo); 13h 45min — Pro-testo; 15h — Fecho da estação.
Terceiro período de emissão
16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário/português/criolo/linguas; 17h 30min — Programa em linguas Balanta e Manjaco; 18h 45min — Agenda do dia; 19h — Resistência cultural; 20h — Noticiário/português/criolo 20e 30min — Mornas e coladeiras; 21h — Actualidades sonoras; 22h — Música variada 23h — Tempos novos; — 24h Fecho da estação.
DOMINGO — Primeiro Período de emissão:
5h 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em lingua/Fula; 7h — Noticiário/português/criolo; — Actualidades sonoras rep.; 8h — Educação sanitária; 9h — Selecção musical; 10h — Ligação à Sé catedral (missa); 10h 45min — 2 Curpo l Córson; 12h — Fala di África; 13h — Música crioula; 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (português); 13h 45min — Noites africanas; 14h 15min — Programa em lingua Biáfada e Manjaco; 15h — Fecho da estação.
Segundo período de emissão:
16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário português/criolo; 18h — Programa em linguas Fula e Mandiga 18h 45min — Agenda do dia; 19h — A semana no mundo; 20h — Noticiário/português/criolo; 20h 30min — Programa em lingua Balanta; 21h — Actualidades sonoras; 22h — Onda semanal; 23h — Tempos novos; 24h — Fecho da estação.
SEGUNDA-FEIRA — Primeiro Período de emissão:
5h 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra 6h 10min — Programa em lingua/Mandinga; 7h — Noticiário/português/criolo; — Actualidades sonoras rep.; 8h — Fecho da estação.
Segundo período de emissão
11h 55min Abertura da estação; 12h — Canções Manjaco; 12h 20min — Selecção musical; 13h Música crioula; 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (português); 13h 45min — Programa da mulher; 15h — Fecho da estação.
Terceiro período de emissão
16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário português/criolo/linguas; 18h 45min — Agenda do dia; 19h — Ano I de organização; 20h — Noticiário/português — ciolo; 20h 30min — Prevenção rodoviária (criolo) 21h — Actualidades sonoras; 22h — Catavento 23h — Tempos novos; 24h — Fecho da estação.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 18h 30min — «4 no texas», realização de Robert Aldrich com Frank Sinatra, Dean Martin, Anita Ekberg e Ursula Andress — m/14 anos. As 20h 45min — «Os demónios de daytón», realização de Jaek Shea com Rory Gahoun, Leslie Nelson e Lainie Kazan — m/18 anos.
SEGUNDA-FEIRA — As 20h 45min — filme a anunciar.

Romesh Chandra condena manobras de Pinochet

BERLIM (ADN) — A recente manobra posta em cena pelo regime fascista de Pinochet para enganar a opinião pública mundial, foi condenada muito vigorosamente por Romesh Chandra, Secretário Geral do Conselho Mundial da Paz, e Clodomiro Almeyda, Secretário Executivo da Unidade Popular, durante uma conferência de Imprensa em Berlim. As duas personalidades qualificaram o anúncio da Junta de libertar os presos políticos chilenos que foram presos

em consequência do estado de sítio, como nova tentativa de camuflar a verdadeira situação no Chile, sob o ângulo das resoluções da 31.ª Assembleia Geral da ONU.

A Junta não prolongou somente o estado de sítio por seis meses, como promulgou também uma lei constitucional que deve legitimar este estado de sítio como situação perpétua, declarou o Secretário Executivo. Ela procura dissimular a violação permanente dos direitos do homem e des-

viar a atenção das Nações Unidas dos acontecimentos no Chile.

A resposta da Unidade Popular é a exigência, de informar a opinião pública sobre a sorte de deportados, de dissolver o serviço secreto, de levantar o estado de sítio e colocar em liberdade Luís Corvalán e todos os outros patriotas encarcerados.

Com uma grande satisfação, o homem político da UP constatou que a unidade dos anti-fascistas chilenos aumenta tanto no inte-

rior como no exterior.

Romesh Chandra fez sobressair que o isolamento interno e externo da Junta aumentava, apesar das suas tentativas reiteradas de enganar a opinião pública mundial. O Conselho Mundial da Paz exige que a Junta dê informações sobre a sorte dos desaparecidos e sobre a situação dos presos.

Convidou todos os governos que fizeram sua causa dos direitos do homem, a pedirem às Nações Unidas para tomar medidas apropriadas contra a Junta, na

base dos relatórios que a comissão de inquérito constituída pela Comissão da ONU para os Direitos do Homem, deu sobre a situação no Chile.

Chandra fez saber, por outro lado, que o desenvolvimento na América do Sul e a condenação das maquinações dos regimes reaccionários neste continente, figurará na ordem do dia da sessão do Bureau da Presidência do Conselho da Paz, que se realizará em princípios de Dezembro, em Caracas.

Soweto: cidade sitiada

LUSAKA (ADN) — Soweto, subúrbio africano de Joanesburgo, lembra uma cidade sitiada. Os seus habitantes não deixam as suas casas. Polícias, com cães patrulham as ruas desertas. A polícia persegue, prende. O ministro sul-africano da Justiça, da Polícia e das Prisões, Kruger, declarou cinicamente que essas operações têm como objectivo «instaurar um clima de paz em Soweto». Na realidade as autoridades querem intimidar a população africana e impedir novas acções contra o «apartheid» e a discriminação racial.

Repatriamento de saharauis

NAÇÕES UNIDAS — NOVAYORK (AFP) — O representante da Argélia, Abdelatif Rahal, assegurou na quarta-feira ao Alto Comissariado da ONU para os Refugiados que encontrará junto dos responsáveis argelinos toda a colaboração desejável para a realização do programa de assistência aos refugiados do Sahara Ocidental. Rahal exprimiu assim a esperança, perante a Comissão Social da Assembleia, que o apelo do Alto Comissariado a favor de contribuições governamentais substanciais ao programa de assistência humanitária aos refugiados saharauis, será ouvido. Segundo o delegado argelino «uma grande parte da população sahariana, tanto jovem como velhos, mulheres e homens, abandonaram benas casas para procurar refúgio no território argelino vizinho, o que colocou as autoridades argelinas perante imensas dificuldades». Mas o governo argelino considerou seu dever aceitar esse cargo. Rahal acusou o Marrocos de má fé por ter pretendido que a Argélia tinha «criado» o problema dos refugiados saharauis. «É talvez fácil a Ministério dos Negócios Estrangeiros marroquino falar de repatriamento livremente consentido dos interessados da sua instalação definitiva nos seus lares reencontrados», disse o diplomata argelino.

EUA: inquérito sobre assassinatos políticos

WASHINGTON (ADN) — A Comissão Especial de Inquérito sobre as circunstâncias do assassinato John Kennedy, Martin Luther King e Robert Kennedy, da Câmara dos Representantes teve na terça-feira uma sessão pública. Após o fecho da sessão, Thomas Downing, presidente da Comissão, declarou aos jornalistas que tinha decidido pedir oficialmente ao Ministério da Justiça e a todos os serviços de informação dos Estados Unidos, e à CIA em primeiro lugar, para pôr à disposição da Comissão todos os documentos respeitantes a esses assassinatos políticos.

Madagáscar

REFORÇO DA INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA

ANTANANARIVO (TASS) — O objectivo da Revolução Socialista Malgache consiste em terminar com a injustiça e a desigualdade social, a suprimir definitivamente a exploração do homem pelo homem, a eliminar o analfabetismo, as doenças e a miséria herdadas do colonialismo, declarou Rakotomavo, ministro dos Negócios Estrangeiros de Madagáscar, ao intervir durante um seminário ideológico da função pública. Preconizou o reforço da independência política, a extensão da luta pela independência económica, e a par-

ticipação activa dos trabalhadores na gestão da economia.

Rakotomavo sublinhou o papel importante de vanguarda do povo malgache (Arema), que mobiliza a população no cumprimento das tarefas de reconstrução nacional. Esta organização, que conta actualmente no país, cerca de 30 mil células, desenvolve um grande trabalho com vista a mobilizar a população para as actividades públicas, de a fazer participar na vida económica do Estado. A criação de uma frente nacional para a defesa da Re-

volução — Frente Unida do Povo na luta contra o imperialismo — tal é a tarefa do Arema, que contribuiu para as reformas radicais operadas em todos os domínios da vida, no interesse das largas massas trabalhadoras.

Os seminários ideológicos permitem aos trabalhadores de administrações públicas estudar a Carta da Revolução Socialista Malgache — documento — programa proclamando a política de orientação socialista, de discutir os problemas actuais de desenvolvimento do país.

Libano

MENSAGEM DE JOUMBLATT

BEIRUTE (AFP) — Kamal Joublatt, líder das forças progressistas libanesas, enviou, na quinta-feira, uma mensagem aos reis e chefes de Estado árabes, pedindo-lhes para «participarem na defesa do sul do Líbano», onde a situação agravou-se novamente desde quarta-feira, nas imediações da fronteira israelita.

Durante uma conferência de Imprensa, onde denunciou esta decisão, Joumbatt, declarou: «É necessário que os reis e os chefes de Estado árabes participem connosco na defesa do sul do Líbano, e que as forças árabes de dissuasão assumam o seu papel a esse res-

peito. Sem isso, precisou, o movimento nacional (forças progressistas libanesas) prontifica-se a enviar forças para o sul».

Depois de ter sublinhado a sua inquietação «perante o que preparam os isolacionistas», que ele acusa de quererem «instaurar uma entidade confessional cristã» na fronteira com Israel, Joumbatt concluiu dizendo que «consideramos que a Síria tem um papel a desempenhar, com vista a rechaçar a agressão dirigida contra o nosso território, sobretudo porque a maioria da força árabe de dissuasão é composta de sírios».

ONU:

Assembleia Geral discute problemas de desarmamento

NOVA IORQUE (TASS) — A primeira comissão da Assembleia Geral da ONU que discute problemas do desarmamento testemunha o grande interesse que manifestam os diferentes países pelo enfraquecimento da tensão internacional, a sua aspiração à paz, à aplicação de medidas concretas na via que conduz à limitação de armamentos e ao desarmamento.

Os problemas do desarmamento nuclear inscrevem-se no primeiro plano da actualidade, o que explica precisamente o vasto apoio concedido pelos delegados às propostas constitutivas da União Soviética. Recordamos que estas propostas visam opor-se à corrida aos armamentos e a assegurar o desarmamento, e a conclusão de acordos internacionais na matéria.

A realização de medidas concretas para o desarmamento e, em primeiro lugar, para o desarmamento

nuclear e para a paragem da corrida aos armamentos, permite reforçar e aprofundar o desanuviamento internacional, declarou Abdízak Hussein, representante da República Democrática da Somália. O orador insistiu, nessa ordem de ideias, na convocação de uma conferência mundial para o desarmamento.

O representante da Somália declarou-se favorável ao desmantelamento das bases militares no Oceano Índico e, em primeiro lugar, da base anglo-americana em Diego Garcia. Insistiu na elaboração da declaração das Nações Unidas, que prevê a instalação de uma zona de paz na base do Oceano Índico.

Alkader Hamza, representante da República Democrática e Popular do Iémen, evocou a necessidade imperiosa do desarmamento, que estaria conforme os interesses da segu-

rança internacional, do progresso económico e social dos estados. Lançou um apelo à comunidade internacional para que ela mobilize todos os seus esforços com vista à realização do desarmamento.

A convocação de uma conferência mundial para o desarmamento marcaria um passo importante naquela via, disse. O representante da RDPI subscreveu a proposta soviética, a propósito da assinatura de uma convenção sobre a interdição de agir sobre o ambiente com fins militares e outros, incompatíveis com a manutenção da segurança internacional, qualificando esta proposta de actual e oportuna.

Bradjesh Mishra, delegado da Índia, preconizou, no seu discurso, o desarmamento total e universal, que permitiria aproveitar vantajosamente imensos fundos dispensados à corrida aos armamentos, com vista a

eliminar o subdesenvolvimento económico dos países em vias de desenvolvimento. O orador apreciou bastante a proposta soviética sobre a conclusão de um tratado proibindo a realização e o fabrico de novos tipos de armas de extermínio massiva e de novos sistemas de tal arma, o que contribuirá notavelmente para a consolidação da paz e da segurança internacional.

Os representantes da Austrália, Turquia, Irlanda apoiaram o tratado de não-proliferação de armas, e a inquietação dos seus países face à corrida aos armamentos e, especialmente, à corrida aos armamentos nucleares, que se mantêm. A guerra nuclear constitui um grave perigo para a Humanidade. A conclusão do tratado sobre a interdição geral e completa dos ensaios de armas nucleares merece ser apoiado por todos os meios.

Freetown: Conferência Regional da FAO

FREETOWN (FP) — A nona Conferência Regional da FAO, reunida na capital da Serra Leoa acaba de adoptar em documento em vinte pontos, a declaração de Freetown que preconiza a intenção dos países membros da OUA para o caminho a seguir no futuro em matéria de produção agrícola e libertar os seus povos do problema da má nutrição. As 41 delegações decidiram aumentar os seus esforços em favor da agricultura de maneira a dar a África o seu verdadeiro lugar na produção mundial.

Está previsto para esse efeito pôr o acento sobre a autonomia africana, graças a medidas de promoção nacionais e uma cooperação regional e inter-regional com os outros países em vias de desenvolvimento.

EDUCAÇÃO: Seminário de Quadros - 1

O Primeiro Seminário de Quadros da Educação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, terminou ontem, sexta-feira, na Associação Comercial da Guiné. A cerimónia de encerramento, iniciada às 18 h, foi dirigida pelo camarada João Bernardo Vieira, membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo de Luta e Comissário das Forças Armadas. O Seminário tinha sido aberto, no dia 11 deste mês, tendo funcionado em regime de plenário. Incluía 12 sessões de trabalho distribuídas nos períodos da manhã e da tarde.

O objectivo do Seminário era discutir problemas sobre a estruturação do aparelho da Educação na Guiné e em Cabo Verde e a definir etapas para a unidade, dentro de linhas expostas na resolução geral da última reunião do Conselho Superior de Luta. Trata-se de procurar, o mais possível, a aproximação dos departamentos estatais dos nossos dois países, através de experiências, com vista a encontrar vias comuns para a solução de problemas.

Hoje, apresentamos algumas passagens das intervenções feitas na abertura solene do encontro, presidida pelo camarada José Araújo, membro do Comité Executivo de Luta e secretário da Organização do Partido na Guiné e em Cabo Verde. O camarada Mário Cabral, Comissário da Educação Nacional e Cultura, Augusto Costa, director nacional da Educação e Cultura da República de Cabo Verde, e vários membros do Governo e do Partido assistiram ao acto.

Participaram nas reuniões todos os responsáveis e delegados regionais de educação da Guiné-Bissau, responsáveis de estabelecimentos de ensino primário e secundário, funcionários da Educação e delegados de alguns Comissariados do país ligados à Educação: Saúde, Juventude e Desportos, Agricultura e Pecuária e Energia Indústria e Hidráulica. De Cabo Verde apenas vieram quatro elementos que constituem a delegação da Educação e Cultura do país irmão. O chefe da delegação, camarada Augusto Costa, explica que não foi possível aumentar o número dos quadros devido as aulas terem começado desde 25 de Outubro passado.

Na abertura solene, o camarada Carlos Dias, responsável pelas actividades do Comissariado da Educação, abriu a sessão falando da importância do seminário. Intervieram em seguida os camaradas Mário Cabral, Augusto Costa e José Araújo.

O camarada José Araújo começa a falar e agradece, em primeiro lugar, o convite que lhe foi dirigido para presidir ao acto da cerimónia de abertura solene e depois coloca o assunto em questão enquadrando-o numa das etapas da resolução do Programa Maior do nosso Partido:

«Unidade da Guiné e Cabo Verde, significa também unidade no plano da educação. Porque nós não concebemos a unidade Guiné e Cabo Verde, pois ela é inconcebível, sem que haja uma unidade de esforços dos nossos camaradas da educação nos dois países,

com vista à realização daquele objectivo da formação do homem guineo-caboverdeano, quer dizer, do homem totalmente integrado nos nossos princípios e objectivos. O homem que será o cidadão da nossa futura República Unida da Guiné e Cabo Verde».

«Portanto, os camaradas têm uma tarefa imensa, como costumamos dizer: a unidade Guiné e Cabo Verde é um facto que tem de ser reflectido, pensado em cada etapa da nossa vida. O camarada Aristides Pereira o reafirmou ao apresentar o relatório do Conselho Superior de Luta. Disse que ela é uma unidade, um sentimento e é um querer que tem de ser conscientemente reflectido. Isto significa que a unidade Guiné e Cabo Verde deve ser algo querido pelos dois povos com plena consciência de tudo o que isso implica».

«Por isso dissemos que não temos pressas nos passos que damos em cada dia no sentido da unidade da Guiné e Cabo Verde. Nós temos já a unidade adquirida na nossa luta e, em cada dia e em cada acto de um de nós, dos nossos Governos e dos nossos Estados, nós procuramos dar mais um passo em frente para esse fim...».

«...No dia em que tivermos a unidade Guiné e Cabo Verde, ela não será guardada por uma sexta ou sétima esquadra. A unidade destes Estados que nós construímos será guardada pela consciência e pela vontade do nosso Povo de viver e de permanecer unido nesta aventura que, afinal, é a aventura dos povos. Nesta base, camaradas, nós

já fizemos passos largos, mas ainda temos bastante que fazer. Há esta determinação de avançar nesse sentido, e é aí que aos camaradas da Educação cabe uma tarefa fundamental. Uma tarefa fundamental, porque educar é formar e quando se trata de formar jovens a responsabilidade é maior ainda».

OBJECTIVO MÁXIMO

«É que, de facto, a unidade Guiné e Cabo Verde é o objectivo máximo. E nós devemos ser audaciosos e visar em cada um dos nossos actos este objectivo e, assim, realizando cada acto, estamos a dar um passo em frente no sentido da realização daquilo que foi o sonho de Amílcar Cabral e continua a ser o empenho de todos nós, que é a unidade Guiné e Cabo Verde e de uma Guiné-Bissau e Cabo Verde hoje totalmente livres, portanto, capazes de querer conscientemente realizar essa unidade para podermos prosseguir a nossa marcha no sentido da construção do progresso, da felicidade e da prosperidade nas nossas terras».

«Temos a certeza que esta reunião vai ser não só de técnicos da educação mas também vai ser uma reunião de militantes e responsáveis do nosso Partido. Este facto vai colocar o vosso seminário num acto político de importância transcendente nesta fase em que nos preparamos para iniciar os trabalhos dos preparativos do nosso Terceiro Congresso do Partido a realizar no próximo ano de 1977, que já se começa ouvir chamar, «Ano do Congresso».

Desejo que os seus reflexos, os resultados que vocês vão obter nele, possam ajudar-nos também nessa tarefa fundamental em que todos os militantes comem a mobilizar-se».

MÁRIO CABRAL

O Comissário da Educação e Cultura, Mário Cabral, fez uma exposição do significado que o seminário reveste neste processo de reconstrução nacional, «pois, disse ele, é a continuação da luta conjunta realizada durante a fase da luta armada de libertação nacional na qual, irmanados pelos mesmos ideais e impulsionados pela mesma determinação, guineense e caboverdeano, sob a direcção do PAIGC, lançaram as bases da construção de uma sociedade nova».

Falou do «estágio bastante atrasado» de desenvolvimento sócio-económico dos dois países devido a secular colonização e recuou um pouco na história para dizer que os dois países têm legados comuns no sistema de ensino: «O sistema colonial que, em função da sua preocupação de denominar económica e cultura, instituiu um sistema único no que eles consideravam o espaço português».

«Atingimos pois a independência com duas fontes de inspiração que, em hora desigualmente adaptadas à realidade de momento da reconstrução nacional. Eram, no entanto, movidos pelos sistemas de identificação dos sistemas do ensino e dos conteúdos curriculares à realidade nacional».

ULTIMAS NOTICIAS

NOVA IORQUE (TASS)

— A segunda comissão da Assembleia Geral das Nações Unidas votou uma resolução pedindo que o Secretário-Geral das Nações Unidas redija e apresente perante a 32.ª sessão da Assembleia, um relatório sobre as condições de vida do povo da Palestina nos territórios árabes ocupados por Israel. Os delegados de Israel, e dos Estados Unidos votaram contra esta resolução. O representante da URSS interveio para declarar que a União Soviética apoiava invariavelmente as justas reivindicações do povo árabe da Palestina à autodeterminação e à independência.

NICÓSIA (AFP) — O aeroporto internacional de Beirute foi reaberto ontem ao tráfego aéreo civil, cinco meses após o seu encerramento, devido aos bombardeamentos de artilharia. A rádio progressista libanesa, captada em Nicósia, informa que o primeiro avião a pousar em Beirute, foi um aparelho da companhia aérea libanesa, «Middle East Airlines», vindo da Líbia, que aterrou às 7 h 15 m (TMG), com passageiros a bordo. O aeroporto internacional de Beirute tinha sido fechado a 27 de Junho último. Nesse dia, um bombardeamento de artilharia contra o aeroporto, tinha provocado a destruição contra o solo de um «Boeing» de «Middle East» matando o piloto, e fazendo numerosos feridos na aerogare. Entretanto, desenrolam-se combates ferozes na aldeia de Kafar-Kalla (sul do Líbano), a seguir ao ataque lançado na quarta-feira de manhã pela artilharia israelita, anuncia o «Exército do Líbano Árabe». Foram infligidas, segundo o Exército do Líbano, que combate ao lado dos palestino-progressistas, «perdas consideráveis, em vidas humanas e em material» aos conservadores cristãos e aos israelitas que os apoiam. A aldeia de Kafar-Kalla, próxima da fronteira israelita, está situada numa região onde, sucedeu, esporadicamente, há várias semanas duelos de artilharia.

WASHINGTON (AFP) — Pela primeira vez depois das eleições, o Presidente-eleito, Jimmy Carter encontrará o Presidente Gerald Ford na Casa Branca, na próxima segunda-feira, anunciou a Casa Branca. Um porta-voz indicou que o encontro realizar-se-ia à tarde, e que os dois homens discutirão as modalidades da transição entre as duas administrações.

TERMINOU A VIAGEM PRESIDENCIAL A RDA

(Continuação da pág. 1)

e da cooperação entre os Estados africanos e os países socialistas, são um factor importante para a consolidação da independência desses Estados, e contribui decisivamente para a criação de condições favoráveis à libertação total da África.

No comunicado, «a delegação da Guiné-Bissau declara que tinha podido convencer-se, quando da sua estadia na República Democrática Alemã, da solidariedade e da amizade firmes do seu povo com a luta do povo da Guiné-Bissau, e de todos os povos de África pela independência nacional e contra o racismo e o «apartheid».

Durante as negocia-

ções, que decorreram numa atmosfera de amizade, de solidariedade e de compreensão mútua, a plena concordância dos pontos de vista em todas as questões debatidas foi reafirmada, sublinha o comunicado. No objectivo de desenvolver vantajosamente a solidariedade e a cooperação mútuas, as duas partes assinaram um acordo consular, um acordo de assistência judiciária, um acordo sobre a cooperação técnico-científica. Declararam-se, além disso, desejosos de estender a cooperação também a outros domínios.

Luiz Cabral convidou Erich Honecker, Secretário-Geral do PSUA e Presidente do Conselho de Estado da RDA, a efectuar, por sua vez,

uma visita à Guiné-Bissau.

A RDA e a Guiné-Bissau sublinham no comunicado:

O aprofundamento progressivo do desanuviamento e os esforços desenvolvidos para tornar irreversível este processo e para o estender a todas as regiões do mundo, respondem aos interesses de todos os povos, e criam condições favoráveis ao desenvolvimento futuro da luta de libertação nacional.

As duas partes consideram o desarmamento e a luta pelo fim à corrida aos armamentos, e a redução dos armamentos.

Isso não poderá atingir, sublinhou, o direito legítimo dos povos oprimidos e reduzidos à es-

cravatura, de lutar por todos os meios disponíveis, pela libertação nacional.

Os dois países mostraram a sua inquietação sobre o agravamento perigoso da situação no Médio-Oriente e pronunciaram-se pela solução política do conflito, pela retirada imediata das tropas israelitas de todos os territórios árabes ocupados em 1967, assim como pela realização dos direitos legítimos do povo palestino, conforme as justas exigências da OLP.

Testemunharam a favor da cessação imediata dos conflitos no Líbano e contra a ingerência externa à independência, à soberania e integridade territorial dos países respeitantes.

A Guiné-Bissau e a RDA exigem a admissão da República do Vietname da República Popular de Angola na Organização das Nações Unidas. Apoiam a exigência de se estabelecer uma nova ordem económica no interesse de todos os povos.

As duas partes apreciam as decisões tomadas pela quinta conferência-cimeira dos países não-alinhados em Colombo, com vista a salvaguardar a paz e a independência dos povos da exploração e da opressão imperialista, e sublinham que seria do interesse da realização complexa dessas decisões, aprofundar a cooperação entre os países socialistas e os não-alinhados.